

Brasil almeja o selo de qualidade

País busca conquistar o grau de investimento para atrair mais capital internacional

CPDoc/JB

Ludmilla Totinick

Não raro, um economista ou autoridade brasileira solta a expressão *investment grade* num discurso. Com os debates sobre possível recessão americana, o termo se tornou mais frequente, mas ainda não deixou de ser um sonho. Trata-se de uma espécie de selo de qualidade dado por agências mundiais especializadas em apurar a capacidade que o país tem de pagar as próprias dívidas. Cada nação recebe uma nota. Em 2007, o Brasil subiu para BB+. E pouco.

O país está na mesma faixa de países emissores de dívidas com pouco risco de inadimplência. Mas não seguros o suficiente para atraírem pesados investimentos externos.

— Grau de investimento é o melhor nível de classificação de risco de dívida que um país pode receber — explica Cristiano Souza, economista do Banco Real. — Quando atingido, deverá impulsionar ainda mais o fluxo de capitais em direção aos mercados financeiros do país. Ou seja, é um excelente local para se investir.

Se o Brasil conquistar o *investment grade*, empresas estrangeiras terão mais segurança para comprar títulos do Tesouro Nacional. Não há, entretanto, estimativa de quanto dinheiro entraria no país.

As agências de ratingsou de grau de risco, analisam dívida de empresas, bancos, seguradoras e países. Vários fatores são apurados para que se possa indicar o investimento no título da dívida de determinado país.

— Verificamos a probabilidade de pagamento do país no prazo esperado — ressalta Rafael Guedes, diretor-executivo da agência de classificação de risco Fitch no Brasil. — Observar países requer cuidados especiais, pois cada um tem aspectos bem diferentes.

Mudanças

Paulo Rabello de Castro, doutor em economia pela Universidade de Chicago e diretor-presidente da SR Rating, admite que o Brasil passou a ter noção de

rating com a estabilização da economia, nos anos 90.

— A mudança do regime cambial, o conceito de superávit primário, as metas de inflação, a flutuação do dólar, a inversão do setor previdenciário e a Lei de Responsabilidade Fiscal foram fundamentais para a estabilidade da economia brasileira — destaca.

O economista diverge de muitos colegas ao não considerar o grau de investimento uma prioridade. O Brasil precisa passar por grandes revoluções antes disso, argumenta. E vai demorar muito para conseguir o carimbo.

— Estamos frustrados. Há 14 anos, de 1994 a 2008, o país caminha para conquistar o grau de investimento e não alcança. Ele ameaça entrar, mas não consegue passar pela porta. Não acho que o Brasil conquistará a classificação tão cedo — diz economista ao ressaltar que o governo Lula quer o selo mais por questão política que propriamente econômica.

O caminho é longo. O governo omite, ataca Rabello, que o país precisa atravessar 11 posições antes de alcançar o nível AAA, onde estão nações como EUA, Inglaterra, Alemanha, Suíça.

Entraves

Os juros dos países que obtêm o grau de investimento costumam cair para o patamar de 4%. Mas, na opinião do economista do Banco Real, as taxas brasileiras não deverão mudar muito. Segundo Cristiano Souza, os juros reais, hoje em 7,5%, não deverão ceder por causa da queda que sofrida desde 2004.

Alguns analistas consideram o cenário brasileiro favorável e acreditam que o país está bem perto de conquistar o sonho. Cristiano Souza, aposta que isso ocorrerá até o segundo semestre deste ano.

— Fizemos o estudo *Índice de investimento*, em junho. Veri-



RISCO — O governo tem de devolver ao setor privado a sua capacidade de poupar, adverte Rabello de Castro

“

Há 14 anos, de 1994 a 2008, o país caminha para conquistar o grau de investimento e não alcança

Paulo Rabello de Castro
economista

ficou-se que, a partir de 2000, o Brasil tinha 50% de chances. Mas países como o México, por exemplo, com a mesma probabilidade, já conseguiram o grau de investimento — ressalta o economista do Banco Real.

— Ao analisar variáveis como renda per capita, crescimento do PIB, inflação, dívida bruta com a porcentagem das receitas tributárias e reservas com a proporção do PIB, percebemos que o país tinha melho-

rado bastante — observa Cristiano de Souza.

Ana Claudia Alem, assessora da presidência do BNDES, tem a mesma opinião.

— Tenho certeza de que vamos conseguir ainda este ano. O Brasil está se destacando cada vez mais no cenário internacional. O PIB melhorou, os indicadores de endividamento também — enumera a assessora. — O grau de investimento será excelente oportunidade para atraímos capital internacional.